



CARTA SEMANAL

O Canário
da Mina **46**

15 DE MARÇO DE 2024

Lula e as pesquisas

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



Lula e as pesquisas

Na semana que vem, haverá reuniões de política monetária no Brasil e nos Estados Unidos. O resultado em si já é esperado: queda de 0,50 p.p. por aqui e manutenção dos juros por lá. Dessa forma, o grande interesse dos mercados é a sinalização para as próximas reuniões. Na nossa visão, o Banco Central do Brasil (BCB) não se comprometerá com uma queda de 0,50 p.p. para além da reunião de maio, e as projeções do Federal Reserve (Fed) manterão junho como o provável mês para iniciar o processo de redução de juros. Entretanto, a política monetária, aqui e nos EUA, será o tema da edição da semana que vem de “O Canário da Mina” (OCM), na qual analisaremos o que for dito nas respectivas reuniões da próxima quarta-feira (20/3). Já o OCM de hoje tratará de um tema que, a não ser perto de eleições, olhamos mais por curiosidade do que por acharmos relevante para os cenários prospectivos: as pesquisas de opinião. No texto de hoje, tentaremos mostrar que, pelo menos neste governo Lula, tal comportamento terá que mudar.

Na semana passada, foram divulgadas três pesquisas de opinião sobre o governo Lula: AtlasIntel, Genial/Quaest e IPEC. As duas primeiras são “novatas”, e passamos a conhecê-las na última eleição; já a terceira é “velha conhecida” e, para quem não está juntando “o nome à pessoa”, o IPEC é o antigo Ibope. Elas foram feitas no final de fevereiro (Genial/Quaest) ou no início de março (AtlasIntel e IPEC), de forma digital (AtlasIntel) ou presencial (Genial/Quaest e IPEC) e com uma margem de erro que varia de 2,0 p.p. (AtlasIntel e IPEC) até 2,2 p.p. (Genial/Quaest). Descritas as metodologias das pesquisas, vamos aos resultados.

O primeiro ponto a destacar é a aprovação pessoal do presidente Lula. A média das três pesquisas indica que 49% dos entrevistados o aprovam, e 46% o desaprovam¹. Uma leitura rápida do resultado pode nos levar a considerá-lo bom, uma vez que mostra que o presidente tem mais aprovação do que desaprovação; além disso, com mais de 40% de aprovação, Lula teria uma reeleição garantida. Entretanto, se o nível parece OK, a tendência causa preocupação. Na pesquisa anterior da AtlasIntel, a diferença a favor do “aprovo” era de 9 p.p., mas agora é de 1 p.p.; na da Genial/Quaest, era também de 9 p.p. e caiu para 5 p.p.; e no IPEC, era de 8 p.p. e caiu para 4 p.p. Talvez o motivo para esse momento ruim de Lula seja quantificado na pergunta da pesquisa IPEC sobre se o entrevistado confiava ou não no presidente: 51% disseram não confiar, e 45% responderam que sim. Porém, nem sempre foi assim. Até a pesquisa de setembro do ano passado, o percentual daqueles que confiavam era maior do que o daqueles que não confiavam. O que explicaria essa piora na avaliação de Lula?

Um dos motivos seria a piora na avaliação de seu governo. Fazendo a consolidação do “ótimo/bom” e do “ruim/péssimo”, vemos que, na média das pesquisas, o governo Lula é bem avaliado por 27%, mal avaliado por 44% e considerado regular por 25%. Uma má notícia para Lula, porque se sua aprovação líquida pessoal está positiva, o mesmo não se pode dizer de seu governo. Mas as más notícias não param por aí. Considerando que a escolha de

¹ A diferença para 100% sempre equivale aos participantes que “não sabem” ou “não responderam”.

“regular” pode ser apenas um ponto intermediário para que o entrevistado passe para “ótimo/bom” ou “ruim/péssimo”, as pesquisas mostram viés mais para o último do que para o primeiro. Com base na tendência das últimas pesquisas, a queda do “ótimo/bom” não se refletiu totalmente em aumento do “ruim/péssimo”, com a diferença gerando um crescimento do regular. Ou seja, algo aconteceu que desiludiu o entrevistado que estava otimista com o governo, mas ele parece ter dado um voto de confiança antes de perder a paciência de vez. E o que pode ter sido o estopim para esse aumento da desconfiança em relação a Lula e, principalmente, a seu governo?

Pegando a pesquisa da AtlasIntel como parâmetro, dos 16 temas sugeridos pelos entrevistadores para que os participantes avaliassem, o pior disparado é “Segurança Pública”, considerado “ótimo/bom” por 24%; “regular”, por 11%; e “ruim/péssimo”, por 66% — uma diferença de 42 p.p. entre as avaliações negativas e positivas. Isso nos dá uma pista da influência do noticiário sobre os entrevistados. A pesquisa da AtlasIntel foi feita entre os dias 2 e 5 de março, menos de um mês após a fuga de dois bandidos do presídio de segurança máxima de Mossoró, e em meio às notícias de que as buscas para os recapturar estavam sendo infrutíferas, o que deve ter aumentado a sensação de incompetência do governo. As notícias a respeito do desmonte da Lava-Jato, mesmo não sendo de competência do Executivo Federal, mas do Judiciário, é outro exemplo do noticiário impactando negativamente a avaliação do governo. No tópico “Justiça e combate à corrupção”, 55% avaliaram o desempenho do governo como “ruim/péssimo”, mas essa nem é a pior notícia; entre janeiro e março, foi esse item que teve a pior queda das avaliações positivas, juntamente com “Segurança pública”: 12 p.p. Para falar a verdade, todos os itens registraram quedas nas avaliações positivas na comparação com a pesquisa anterior; até temas caros ao PT, como “Meio ambiente” e “Direitos humanos e igualdade racial”, tiveram piora na avaliação: 5 p.p. o primeiro e 7 p.p. o último. Deixamos para uma análise separada o tema “Relações internacionais”, porque ele mexe com outro aspecto preocupante para o presidente Lula: a avaliação dos evangélicos.

Esse grupo religioso representa quase 30% dos eleitores brasileiros e tem uma ligação estreita com Israel por uma interpretação literal da Bíblia. Segundo ela, os judeus seriam o povo escolhido por Deus, e sua volta à terra prometida seria um sinal da proximidade do fim do mundo, quando ocorreria em Jerusalém a batalha final entre o bem e o mal, e Jesus voltaria à Terra para salvar os tementes a Deus. Por isso é tão importante para eles defenderem Israel. Então, vale a pena observar a resposta à pergunta *“Lula exagerou ao comparar o que acontece em Gaza ao que Hitler fez na Segunda Guerra?”*, da pesquisa Genial/Quaest. Para 60% dos entrevistados, a resposta foi “exagerou”, e esse número sobe para 69% entre os evangélicos. Desse modo, não é surpresa que, voltando à pesquisa AtlasIntel, a avaliação positiva do tema “Relações internacionais” tenha caído 9 p.p. entre janeiro e março. Lula defender Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, foi só a “cereja do bolo”.

Tendo em vista tudo que foi explicitado aqui até agora, fica claro que o melhor antídoto para a queda de popularidade do governo — e, conseqüentemente, do presidente Lula — seria gerar um fluxo de notícias positivas, mostrando que a economia está indo bem, com a criação de empregos e a redução dos juros, que a política de crescimento real do salário mínimo está de volta etc. No entanto, o caminho escolhido por Lula foi outro: endurecer

o discurso contra a Vale e Petrobras, ameaçar controlar os preços de alimentos e energia e voltar a atacar o presidente do BCB com o nada circunspeto termo *“aquele cidadão”*. Por que ele fez isso?

Para entender esse comportamento, temos que considerar que Lula ganhou de Jair Bolsonaro por 1,8 p.p., pouco acima de 2 milhões de votos. Além disso, houve o “8 de janeiro”. Esses dois fatos moldaram o comportamento do presidente durante seu terceiro mandato. Portanto, a cada manifestação de rua da oposição ou pesquisa eleitoral desfavorável, Lula sobe o tom de seu discurso em direção ao radicalismo e ao populismo. No primeiro caso, como forma de mobilizar a militância petista; e, no segundo, como meio de anular a oposição através da melhoria da economia, seja com mais crescimento, seja com menos inflação, mesmo ao custo de bagunçar o coreto. No fundo, o medo de Lula e de seu entourage é que a combinação de inflação alta, crescimento baixo, popularidade em queda e oposição na rua abra as portas para um processo de impeachment em um Congresso não muito amigável. Pode parecer loucura esse tipo de pensamento neste momento e com os níveis de aprovação que, mesmo em queda, ainda são altos, mas, depois do que aconteceu no governo de Dilma Rousseff, vale a máxima de que *“gato escaldado tem medo de água fria”*.

A conclusão é que Lula está muito mais reativo do que nos dois primeiros mandatos, e suas falas nas duas últimas semanas são reflexo da combinação de dois de seus grandes medos: oposição na rua e perda de popularidade. Daí, podemos inferir que, como falamos no parágrafo introdutório, o acompanhamento das pesquisas de opinião vai deixar de ser por mera curiosidade e se tornar um item obrigatório para antecipar discursos mais raivosos do presidente. O problema para Lula é que a estratégia usada até agora, de radicalizar o discurso sempre que se encontra acuado, pode gerar um “efeito bumerangue”, voltando-se contra o próprio Lula. Como vimos na análise das últimas pesquisas, o noticiário diário tem um efeito relevante sobre a opinião dos eleitores, e falas mais agressivas do presidente acabam pautando os órgãos de imprensa de forma negativa – ou alguém acha que o eleitor não “convertido” gosta de ver estampado nos jornais que a Petrobras perdeu R\$ 55 bilhões de preço de mercado por causa das falas de Lula, mesmo que ele talvez nem saiba o que isso significa? Claro que não. Por isso, enquanto Lula e sua equipe de comunicação não resolverem ressaltar as conquistas do governo e parar de *“atravessar a rua para escorregar na casca de banana”*, como diria Nelson Rodrigues, teremos como principal foco de volatilidade interna o Palácio do Planalto, e cada pesquisa de opinião será acompanhada com redobrada atenção.

Frase da Semana

“Quem leva a sério pesquisas de opinião deve tomar muito cuidado. Aprovação geral significa que a pessoa está errada.”

Delfim Netto

G5 Partners	2022	2023	2024
IPCA (%)	5,79	4,62	4,00
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	9,00
USDBRL	5,28	4,86	5,05
PIB (%)	2,90	2,90	2,10